

Técnica cirúrgica corrige malformação do esôfago

EVANDRO FADEL

Correspondente

CURITIBA — Os resultados de uma cirurgia ainda inédita no Brasil, de acordo com os médicos, realizada há um mês no Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba, foram apresentados ontem. Beatriz Maria Vilaça, de 1 ano e 7 meses, tinha atresia do esôfago (malformação congênita do canal que liga a garganta ao estômago) e hoje está recuperada. Para a cirurgia, os médicos utilizaram os tecidos do próprio esôfago, por meio de uma técnica do cirurgião japonês radicado nos Estados Unidos Ken Kimura.

Segundo os cirurgiões Sylvio Avilla e

César Sabbaga, anualmente o Pequeno Príncipe atende de 20 a 25 crianças com atresia do esôfago. A consequência mais frequente da doença é a falta de um pequeno pedaço do esôfago. "Isso se corrige no primeiro dia de vida, com reconstituição total", disse Sabbaga. O maior problema é quando só se formaram duas pequenas pontas do órgão, uma perto da garganta e outra na junção com o estômago, tão distantes que não há como aproximá-las.

Na nova técnica, o esôfago é esticado 2 centímetros a cada mês e preso sob a pele. "Com quatro ou cinco alongamentos, chega-se ao ponto certo para fazer a sutura, colocando o esôfago no local correto", explicou o cirurgião.